REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 476

11 DE MARÇO DE 1892

Redacção — Atelier de Gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

OS NAUFRAGIOS NO NORTE

NA POVOA DE VARZIM — O DIA 27 DE FEVEREIRO

(Desenho de A. Silva)

CHRONICA OCCIDENTAL

A medonha catastrophe causada pelo tufão de sabbado gordo, nas costas do norte de Portugal, produziu profunda commoção em todo o paiz; os gritos e as lagrimas das desoladas familias d'esses pobres pescadores, que acharam a morte horrosa onde iam ganhar a trabalhosa vida, encontraram echo em todos os corações portuguezes.

Faz bem ver isto, é profundamente consolador no meio das coisas profundamente desconsoladoras que por toda a parte nos cercam.

Diz-se que o paiz é indifferente a tudo, diz-se que é um paiz perdido, um paiz morto; mas não é, pode ser ás vezes um adormecido, mas accorda immediatamente quando uma commoção forte lhe faz pulsar o coração, quando uma grande desgraça nacional lhe vem gritar alerta!

E é assim que estamos vendo agora esse grande movimento caridoso que agita todo o paiz, que faz com que de Norte a Sul toda a gente, ricos e pobres, nobres e plebeos, velhos e novos, não pense, não trabalhe senão n'uma coisa; em soccorrer as familias d'esses desgraçados naufragos, em ao menos levar o pão a essas pobres casas d'onde a alegria desappareceu para sempre.

* * *

Os primeiros resultados d'esse trabalho caridoso teem sido extraordinarios, e apesar das numerosas commissões, que por todas as cidades, villas e aldeias se constituem para organisar espectaculos e festas em beneficio das familias dos naufragos, não terem ainda realisado nenhuma d'essas festas de caridade, só dos bandos precatorios e das subscripções publicas se tem ja apurado a importante somma de 42 contos de réis.

D'esses 42 contos, quinze contos e tanto são o producto da subscripção aberta no Paço de Belem, por iniciativa dos augustos monarchas que contribuiram para ella: El-Rei com um conto de réis, S. M. a Rainha D. Amelia com quinhentos mil reis, S. M. a Rainha D. Maria Pia com igual quantia, além de 4 contos de réis que para essa subscripção mandou dar do cofre dos innundados, que S. M. administra.

O Occidente dedica hoje o seu numero exclusivamente a essa grande catastrophe, que veiu enlutar as povoações piscatorias do norte e por isso a nossa chronica será tambem exclusivamente consignada ao registo de todo o grande movimento caridoso que no paiz se opera em favor das victimas d'essa catastrophe, que matou no sabbado gordo 110 pescadores.

Como na nossa ultima chronica dissemos apenas em Lisboa houve noticia da terrivel desgraça, a redacção do jornal a Batalha convidou toda a imprensa para no dia d'Entrudo sahirem em bando pelas ruas da cidade pedindo esmola para as familias das victimas do naufragio.

Apesar do mau tempo o bando da imprensa sahiu n'esse dia, percorreu as ruas principaes da cidade, á noute correu todos os bailes de mascaras fazendo avultada colheita d'esmolas.

No domingo 6, o mesmo bando tornou a sahir então augmentado com varias corporações. O dia estava medonho, um verdadeiro dia de temporal como raras vezes ha em Lisboa, apezar d'isso porem, n'esses dois dias o bando precatorio da imprensa recolheceu a somma de 3:241$500 réis.

No dia de entrudo, como tambem dissemos, a companhia do theatro da Avenida, tendo á sua frente a illustre actriz Cinira Polonio, sahiu em carros pelas principaes ruas da cidade, com um pendão pedindo esmolas para as victimas do naufragio e recolhendo a quantia de 93$170 réis.

* * *

Suas Magestades El-Rei e a Rainha a Sr.ª D. Amelia mal tiveram conhecimento da grande desgraça, abriram no Paço a subscripção a que nos referimos, e alem d'isso organisaram uma grande commissão para promover grandes festas em beneficio das familias dos pobres naufragos.

Essas festas para as quaes se trabalha activamente serão: — um grande baile por subscripção nas salas do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, uma tourada á antiga portugueza na praça de touros em Cintra, um sarau no Colyseu dos Recreios e uma kermesse no Jardim Zoologico.

Nenhuma d'estas festas, duas das quaes dependem do tempo, a tourada, e a kermesse, tem ainda dia marcado; mas Suas Magestades querem que ellas se realisem o mais breve possivel, para mais efficazes serem os seus resultados.

* * *

Por seu lado a Rainha a Sr.ª D. Maria Pia organisou tambem uma commissão, de que tomou a presidencia para se fazer uma kermesse no Colyseu dos Recreios. Parece que essa kermesse se effectuará na noite de 2 d'abril que é um sabbado, e continuará durante todo o domingo seguinte.

N'essa kermesse haverá barracas onde as duas rainhas estarão vendendo objectos, e S. M. a Rainha D. Maria Pia determinou que a entrada na kermesse seja muito barata para que o povo possa a ella concorrer.

* * *

Sua alteza o sr. infante D. Affonso organisou egualmente por sua iniciativa e sob a sua presidencia, uma grande commissão que promoverá um espectaculo gymnastico-esquestre no Colyseu de Lisboa, espectaculo em que tomarão parte muitos officiaes de cavallaria, e em que haverá um concerto executado por todas as bandas dos regimentos da guarnição de Lisboa.

* * *

Na camara dos deputados o sr. conselheiro Ferreira do Amaral, o illustre ministro da marinha, apresentou um projecto de lei instituindo um fundo permanente destinado á organisação de soccorros aos naufragos.

Este projecto foi acolhido com enthusiasmo por toda a camara e muito em breve será convertido em lei com assentimento unanime de todo o paiz.

* * *

A iniciativa particular é tambem importantissima n'este movimento caridoso e humanitario de todo o paiz.

O Gremio Lusitano prepara um grande sarau litterario musical em beneficio d'aquelles pobres.

Esse sarau em que se farão ouvir alguns dos nossos mais illustres oradores, poetas distinctos, artistas festejados, realisar-se-ha no salão do theatro da Trindade generosamente cedido pela empreza para esse fim.

Ouvimos que o dia marcado para essa festa é o de 16 do corrente.

As senhoras da nossa primeira sociedade que na noite de 24 do mez findo realisaram a brilhante recita de amadores no theatro de D. Maria resolveram dar uma outra recita applicando ás familias dos naufragos o producto d'ella.

N'essa recita represantar se-hão as mesmas comedias em francez que tão grande exito tiveram no theatro de D. Maria e mais uma comedia em portuguez, que foi representada pelo carnaval em casa do sr. conde da Figueira com brilhante successo

* * *

A empreza do theatro do Gymnasio, por iniciativa propria, resolveu offerecer o producto d'uma recita, com um dos melhores espectaculos do seu reportorio, á grande commissão presidida por S. M. a Rainha a Sr.ª D. Amelia.

A sociedade tauromachica portugueza resolven organisar uma tourada a favor das familias das victimas do naufragio.

Alguns dos nossos mais distinctos amadores de musica estão ensaiando a opera de Pouchielli *I Promessi Sposi*, que já em tempo foi cantada por curiosos em S. Carlos, para darem um grande beneficio, provavelmente no mesmo theatro.

A opera é ensaiada e dirigida pelo sr. Antonio Duarte da Cruz Pinto, que foi quem a ensaiou da outra vez, e a parte de tenor será desempenhada pelo illustre tenor amador o sr. João Affonso.

Os operarios da freguezia da Pena organisam para o dia 13 um bazar cujo producto reverterá a favor das familias das victimas.

A Associação Galaica em Lisboa realisa na noite de 18 um beneficio no theatro do Gymnasio em favor das familias dos naufragos e abriu para o mesmo fim uma subscripção na séde da sociedade, na calçada do Ferregial, n.º 13, 1.º andar, onde se recebem donativos todos os dias das 10 ás 12 horas da manhã e das 7 ás 9 horas da noite.

* * *

Os estudantes da Escola Polytechnica organisaram-se em commissão para promover uma kermesse provavelmente no Passeio da Estrella.

Os estudantes dos ultimos annos do Lyceu de Lisboa nomearam tambem uma commissão para promover uma recita no theatro da Avenida em favor das familias das victimas.

N'essa recita, para a qual serão convidadas Suas Magestades, toma parte a illustre actriz Cinira Polonio e a companhia infantil do Theatro Bijou, que desempenhará as *Intrigas no Bairro*

Os socios do Gymnasio Lauret do Porto com os socios do Real Gymnasio Club de Lisboa dão no dia 11 no grande Colyseu da rua de Santo Antão um espectaculo de gymnastica em beneficio das familias dos naufragos.

* * *

Sua Magestade a Rainha Regente de Hespanha enviou quatro mil pesetas para as viuvas e orphãos dos naufragos.

Em Mafra projecta-se uma recita de curiosos em beneficio para o mesmo fim.

A empreza do theatro do Duque de Bragança, em Villa Viçosa, que no sabbado gordo inaugurou os seus espectaculos, deliberou offerecer a S. M. a Rainha a Sr.ª D. Amelia o producto d'essa recita para as familias dos pescadores que o grande temporal matou n'essa mesma noite, que para Villa Viçosa foi uma noite de festa.

* * *

No sabbado 5, os bombeiros municipaes e voluntarios de Lisboa foram em bando precatorio, que apresentava um aspecto imponente, e fez grande colheita de esmolas

Os bombeiros voluntarios da Ajuda andaram tambem no domingo 6 em bando precatorio.

Os bombeiros voluntarios de Cascaes e de Cacilhas saem egualmente um d'estes dias em bando a esmolar para as victimas.

Preparam-se bandos precatorios em Aldeia Gallega e em Coimbra.

Em Vizeu organisou se uma recita d'amadores no theatro Boa União.

Em Villa Nova d'Ourem e em Odemira vão abrir subscripções publicas.

Em Guimarães houve no dia 6 um bando precatorio que rendeu 134:505 réis

No mesmo dia o Orphéou de Vigo fez uma *quête* cujo producto entregou ao nosso consul, n'aquella cidade, para as familias das victimas.

* * *

E não são só estas as festas de caridade que se preparam.

Todos os dias e de todos os lados nos vem noticias de outras commissões que se constituem, de outros beneficios que se organisam, de outros espectaculos que se planeam, chegando-nos á ultima hora noticia d'um, que a realisar-se, será dos mais interessantes, originaes e dos que maior receita produzirá — uns torneios á idade media, rigorosamente vestidos á epoca e segundo todos os preceitos da arte.

Essa festa, cuja idéa partiu da Ex.ma sr.ª D. Maria do Patrocinio Barros Lima d'Almeida, realisar-se-ha no Hyppodromo do Bom Successo e tomarão n'ella parte os mais distinctos *sportmen* de Portugal e entre elles sua alteza o sr. Infante D. Affonso.

Gervasio Lobato

OS NAUFRAGIOS NA POVOA DE VARZIM

A data de 27 de fevereiro ultimo ficará dolorosamente assignalada para as populações maritimas da Povoa de Varzim e da Affurada, pela horrorosa hecatombe que se deu em resultado da tempestade que se desencadeou n'aquelle dia e que causou a morte a dezenas de pescadores, que tinham ido procurar na labutação do mar, o sustento dos seus.

Não ha memoria de um sinistro tão immenso, nas costas maritimas do norte do paiz, e a profunda impressão que essa grande desgraça produziu em toda a parte, traduz-se n'este momento no affan com que cada um procura minorar a mizeria e a desventura, em que tantas familias ficaram, pela morte afflictiva dos seus chefes.

*
* *

Os naufragios deram-se nas seguintes circumstancias:

A semana correra agreste e desabrida e na quinta feira, como o mar se mostrasse mais tranquillo e a atmosphera mais placida, os pescadores da Povoa resolveram fazer-se ao mar, afim de largarem as redes, chegando então a sahir quasi todas as lanchas da pescada.

Lá pernoutaram, mas no dia seguinte como o tempo tornasse a perturbar-se, os que haviam deixado as redes no dia anterior, resolveram ir buscal-as, antes que a tempestade se desencadeasse e assim sahiram umas quarenta lanchas. Quasi todas ellas haviam largado os apparelhos na «Carlota», proximo de Aveiro.

*
* *

Por volta das dez horas da manhã, a tormenta começa de manifestar-se pela amontoação das nuvens que pairavam para o sul e que em breve ensumbram toda a atmosphera. A ventania impetuosa encapellava as ondas, a chuva cahia algida e incessante e ao meio dia, já os gritos lancinantes da população que correra á Praia, faziam prever uma horrorosa catastrophe.

A tormenta augmentava medonhamente e esse quadro já de si terrivel, mais tectrico se tornava, ao avistarem-se ao longe, sobre o dorso crispado das ondas, alguns barcos que procuravam fazer-se ao largo, tomando uns a direcção do sul e outros a do norte.

As lanchas que fizeram prôa ao sul, pairam por muito tempo nas alturas da Cachina, local situado entre Villa do Conde e a enseada da Povoa, e algumas d'ellas julgando encontrar n'uma pequena enseada erriçada de escolhas e com uma barra extreitissima, um refugio ou um ponto de salvação, encaminham-se para lá.

Uma lancha tenta a entrada, avança, lucta e no meio da anciedade geral, consegue abordar alli. Segue-se outro barco, que é ainda bem succedido, apesar de ter perdido os apparelhos. Um terceiro procura tambem forçar a entrada, mas as ondas impellem-o de encontro aos rochedos, despedaça-se e survem se na voragem 25 homens.

Outros barcos, desesperados, tentam entrar, mas o mar repelle os e por fim absorve os com todos os seus tripulantes.

A desolação é indescriptivel. Aos rugidos do temporal ouvem-se os gritos afflictivos das mulheres que se reuniram na praia e com a approximação da noute, augmenta o pavor e o desespero.

No local compareceram dois medicos, dois sacerdotes e as authoridades. Consegue-se salvar alguns dos naufragos e reanimal-os á custa de perfiados esforços. Alguns corpos exanimes são arremessados ao areal e lá vão depois conduzidos no meio de imprecações e de gritos de dôr.

*
* *

As scenas tristissimas que se dão durante a noute e ainda nos dous dias seguintes, não podem sequer, imaginar-se. Por toda a parte lagrimas, tristeza e desolução.

As viuvas e os orphãos dos que pereceram, no meio dos alaridos do seu desespero e da sua mizeria, não encontram sequer um leve linitivo nas palavras de consolação e de esperança que lhes são dirigidas.

Succumbidos perante a tremenda realidade dos acontecimentos, sentindo que lhes faltou para sempre o aconchego do braço que os amparava, esses mizeros sêres como que se mostram estranhos a tudo o que os rodeia, tendo só o pensamento fixo n'aquelles que o mar arrebatou para só os restituir á terra, frios e inanimados.

*
* *

Dos quarenta barcos que sahiram da Povoa e dos seis que partiram da Affurada, com uma tripulação de 128 homens, averiguou-se mais tarde que naufragaram sete nas Cachinas, dous em Villa do Conde, e um na enseada da Povoa.

Dos restantes arribaram: 7 a Villa do Conde; 9 ao porto de Leixões; 3 a Vigo; 4 a Bayona; 6 a Buen; 2 a Vianna; 2 a Espozende e 1 á Guardia.

O total dos mortos foi de 105, dos quaes 35 pertenciam á Affurada. Além d'estes já succumbiram mais 3 em resultado dos ferimentos que receberam.

Por estes numeros pode facilmente avaliar-se a grande quantidade de viuvas e orphãos que ficaram ao desamparo.

Para esses felizmente amontoam-se os soccorros de todo o genero para lhes attenuar a penuria.

*
* *

As subscripções, as quétes, os bandos precatorios, as kermesses e os saraus, teem já produzido sommas quantiosas que devem pôr o futuro d'aquelles desgraçados a coberto de mais tristes vicissitudes.

E n'esta enthusiastica cruzada do bem, cumpre agora, mais do que nunca, crear-se uma instituição perduravel, que sirva de auxilio efficaz ás viuvas e aos orphãos dos pescadores que morrerem na sua faina improba e arriscada.

Como é sabido, a classe pescatoria, é já de si miseravel. O trabalho do mar difficilmente lhe deixa sobras para accumular em favor do bem-estar futuro da familia.

E assim succede que essa miseria mais dolorosa se torna quando falta o chefe e o amparo d'esses entes.

Prevenir pois as contingencias d'esses desamparos e d'essas desventuras é o acto mais benemerito que a caridade póde praticar.

*
* *

Nas horas mais criticas em que occorreram os naufragios na Povoa, houve actos de uma abnegação e de uma coragem que não podem ser esquecidas.

Que para esses heroes haja tambem a recompensa que merecem todos os actos de benemerita humanidade.

Porto.

Manoel Maria Rodrigues

O MAR

Se ao pobre pescador offereces alimento,
enchendo-lhe de peixe a rêde muitas vezes,
— o misero nada deve á tua caridade,
ó traiçoeiro mar: que, ao fim de mil revezes,
lhe atiras a familia á fome... á orphandade,
servindo o teu abysmo ao triste de moimento.

O. M.

AS NOSSAS GRAVURAS

A POVOA DE VARZIM

Em frente do Oceano, exposta ao rigor dos temporaes, está a villa da Povoa de Varzim, na costa do Oceano Atlantico, em 41° 22′ de latitude e 13′ de longitude accidental, distante 33 kilometros ao N. da cidade do Porto, com os seus 3.500 fogos e cerca de 1.800 habitantes.

E' principalmente uma povoação maritima e uma boa parte dos sens filhos dedicam-se á industria rude e perigosa da pesca.

E' esta industria a principal d'esta terra, que se tem desenvolvido muito nos ultimos tempos, mercê da exploração da pesca que se póde calcular em cerca de 600:000$000 réis annualmente.

Quantos perigos e quantas victimas sacrificadas representa o successivo engrandecimento d'esta villa, dizem-no elequente e desoladoramente os desastres que todos os annos registra em maior ou menor numero, e o que acaba de acontecer em a madrugada de 27 do mez passado, que encheu de espanto e de dôr o paiz inteiro.

As duas gravuras que publicamos da Povoa de Varzim, representa uma a Praia do Pescado ao longo da qual se vê a povoacão. E' n'esta praia o maior movimento das pescarias, d'onde saem os barcos de pesca e onde desembarcam o peixe.

A outra gravura representa a Praia dos Banhos que na temporada propria é muito frequentada por banhistas de toda a parte de Portugal.

N'estas praias se tem dado as scenas mais desoladoras como as que ultimamente cobriram de lucto a Villa da Povoa.

A AFURADA

E' uma pobre povoação de pescadores em Villa Nova de Gaya, situada da margem esquerda do Douro e que se encontra na estrada marginal da Foz.

A principal pesca dos pescadores da Afurada é o mexoalho ou caranguejo, o qual é applicado para adubo das terras, industria que tem tido grande desenvolvimento e de que a Real Companhia de Agricultura Portugueza tem ali uma fabrica.

Além d'aquella pesca tambem os pescadores da Afurada exploram a pesca de peixe no Douro e fóra da barra.

São importantes os prejuizos que estes pobres pescadores agora soffreram.

Estão calculados em 3:768$000 assim distribuidos.

Lancha *Senhora do Carmo*, perdeu 950$000; *Bom Jesus* 550$000; *Senhora da Ajuda*, 464$000; S. Pedro 958$000; *Senhora da Hora* 846$000.

PESCA SINISTRA

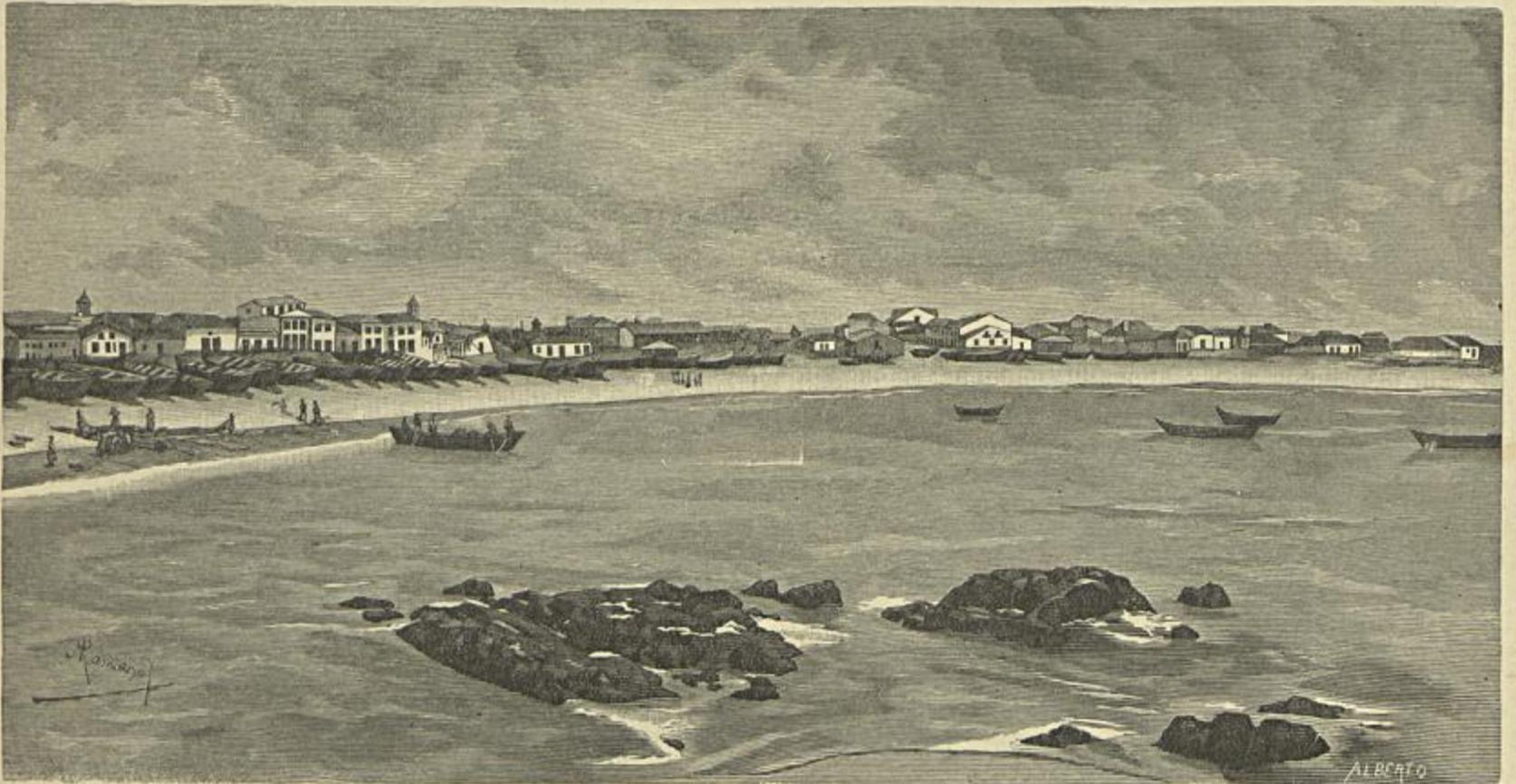
Vae alta a noite já. Pallida lua
o mar triste illumina dôcemente.
Negros vultos se agitam vagamente
n'um silencioso barco que fluctua.

E' a pobre companha semi-nua
d'um *poveiro*, que a rêde lentamente
ala, mas sem cantar alegremente,
que parte o mar tragou da gente sua.

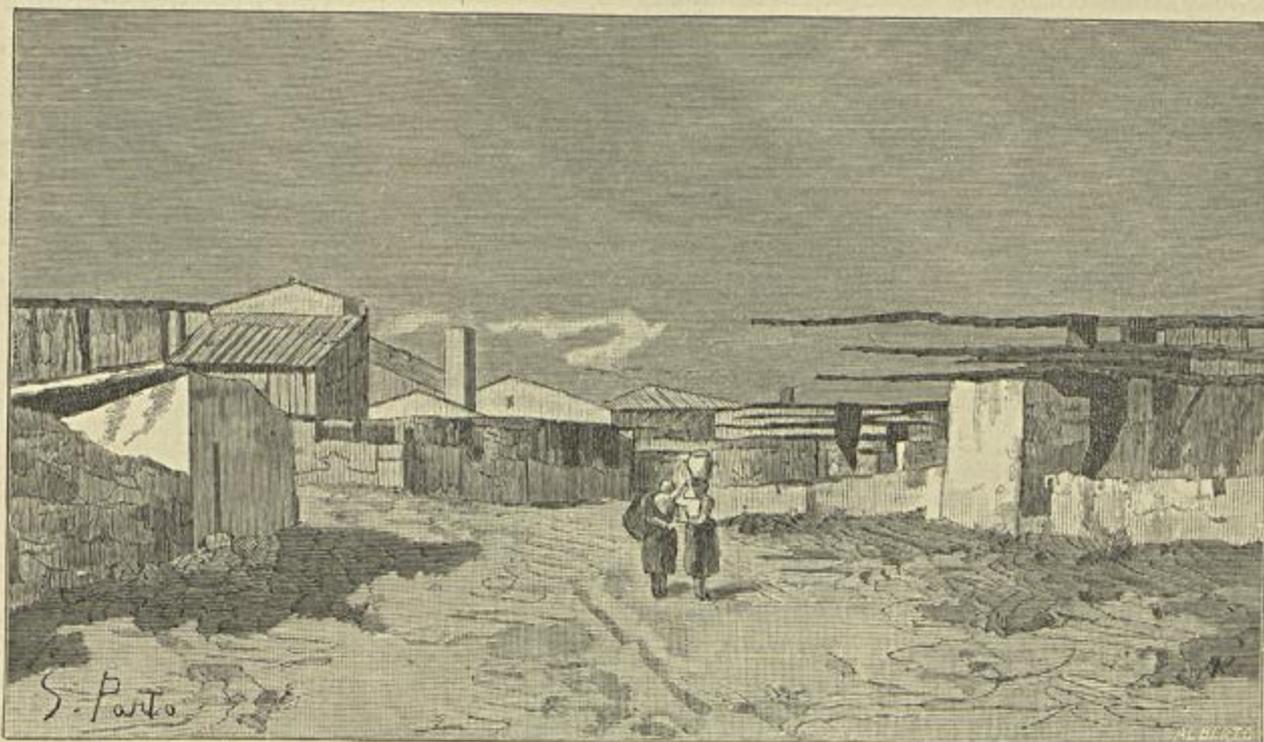
«Pesada a rêde vem, graças ao ceu!»
Eil-a no barco aberta... Horrôr! Horrôr!
Dentro um cadaver só! «O que o mar deu!»

Curva-se a vêl-o um velho pescador...
Ergue-se hirto! e n'um grito: «O' filho meu!»
sobre elle rola, sucumbindo á dôr!

Ferreira de Castro

OS NAUFRAGIOS NO NORTE

A VILLA DA POVOA DE VARZIM. — PRAIA DO PESCADO
(Segundo photographia)

A VILLA DA POVOA DE VARZIM. — A PRAIA DE BANHOS
(Segundo photographia)

OS NAUFRAGIOS NO NORTE

BAIRRO DE PESCADORES NA POVOA DE VARZIM

(Quadro de Silva Porto) Vid. artigo «O Poveiro»

A AFURADA

(Segundo photographia de E. Biel)

PEOR A EMENDA QUE O SONETO

Disse o Bordallo — se me não engano —
Que está tão negra e desgraçada a vida,
Que o naufrago é o unico ente humano
Que tem posição firme e garantida.

Mot d'esprit que a ninguem faz mal. E' certo
Que este governo immediatamente,
Para acudir ás victimas de perto,
N'um projecto de lei foi providente.

Comtudo, vendo a base do projecto,
E aos naufragos as quotas exigidas,
«Já ninguem — disse um homem circumspecto —
Quer naufragar senão... ás escondidas.»

10 de março

Jayme Victor

O PÓVEIRO [1]

A mais interessante e a mais importante curiosidade da Povoa é o pescador poveiro.

O poveiro constitue uma raça perfeitamente especial na população do nosso littoral. Inteiramente differente dos typos gregos, finos, magros, elegantes, de perfis aquilinos, dos varinos, dos celebres pescadores de Ovar e de Olhão, o poveiro tem o typo saxonio. E' ruivo, de olhos claros, largos hombros, peito athletico, pernas e braços herculeos. As feições são arredondadas e duras. As bôcas dos velhos quando perdem os dentes alargam-se extremamente na direcção das orelhas e dão-lhes ao perfil uma certa similhança com os jacarés. Teem uma força prodigiosa. Ha tempos um poveiro ainda moço foi capturado em consequencia de um pequeno disturbio n'uma taberna. Mettido pela primeira vez da sua vida na cadeia, onde devia passar vinte e quatro horas, sentiu uma saudade irresistivel da liberdade e fez o seguinte: agarrou a grade com os seus fortes pulsos, arredou um dos varões de ferro para um lado, arredou o outro para o lado opposto, e pelo espaço aberto foi-se embora para casa.

Eu mesmo conheço um já velho, que o vicio da embriaguez fez expulsar successivamente de todas as companhas. Um amigo meu, José Falcão, deu-lhe um bote e umas redes. Elle só, constitue a tripulação d'este barco; elle só, lança e recolhe as redes; elle só, á força de remos a arranca da praia e lança ao mar nos dias em que a maré rebenta com mais impeto na costa. Quando vae embriagado para o mar, o que muitas vezes lhe succede, chora de enthusiasmo no meio da borrasca e faz discursos patheticos ao oceano. Os seus confrades teem-o visto só no meio dos vagalhões, em pé na sua pequena barca, bater no peito nú e hirsuto com o punho cerrado e exclamar trovejantemente: — Eh! mar!... aqui agora é nós dois, tu e eu! Tu com as tuas ondas, eu com os meus protectores: Deus e o sôr José Falcão!

*
* *

Quando o mar se levanta repentinamente, todos os barcos ancorados na praia são varados na areia á força de braços por homens e mulheres. As embarcações, grandes lanchas algumas d'ellas, são encalhadas a remos. Uma vez na areia homens e mulheres, mettidos na agua até á cinta, encostam o hombro ao barco e fazem-o subir na praia até dez ou quinze metros acima da lingua da maré. E' n'estes duros exercicios que se póde apreciar a extraordinaria força muscular d'esta raça privilegiada. Velhos de sessenta a oitenta annos, de cabellos brancos e duros caidos na testa, a camisa desabotoada, o peito mordido pelo sol e pelo vento do mar, a pelle vermelha, doirada, com reflexos metalicos como uma folha de vinha no outono, acocoram-se debaixo da pôpa de uma lancha, fincam os pés na areia e impellem com as costas, desenvolvendo a maior força de que póde dispôr a columna vertebral, um peso de esmagar um homem vulgar. N'essas attitudes, com as claviculas descobertas, os braços e as pernas núas, de uma riqueza, de uma amplidão, de uma perfeição muscular que eguala as mais vigorosas anatomias de Miguel Angelo, os poveiros são verdadeiramente bellos, de uma belleza titanica.

O traje de que usam contribue para fazer realçar o aspecto da sua forte corpulencia. De uma especie de grossa flanella branca, fabricada na Covilhã e chamada *branqueta*, trazem umas amplas pantalonas largas até o bico do pé, camisa egual, cinta de lã preta, barrete encarnado, de grande manga, caido quasi até á cinta, e, lançado ao hombro, um jaquetão de grosso panno azul, que se não veste senão quando chove. Nada mais simples, mais confortavel e mais commodo para um homem de mar.

Para os trabalhos da pesca arregaçam as mangas até o hombro, arregaçam as calças até o alto da perna, e ficam quasi nús como os atlethas.

Muitos são condecorados pelos assombrosos actos de dedicação e de bravura, praticados no mar em serviço dos seus similhantes. Nenhum d'elles traz a medalha na camisola ou na jaqueta. A condecoração, que elles estimam como uma lembrança querida e solemne, trazem-a pendente do pescoço, escondida, junto da pelle, sobre o coração.

*
* *

No mez de maio do anno findo, 1875, naufragou uma lancha á vista de terra. Morreram seis homens. N'essa occasião, um dos tripulantes de um dos botes que acudiram de terra ao logar do sinistro, mergulhou no alto mar e arrancou do fundo do oceano um dos seus companheiros exanimes. Prestaram-se-lhe promptos soccorros e esse naufrago sobreviveu aos effeitos da congestão que o atacara. O valente companheiro que o salvou e por esse facto foi condecorado com a *medalha de prata*, chama-se Domingos Gomes, o Ainda.

Os factos d'esta natureza repetem-se por varias vezes em cada inverno.

*
* *

Os trabalhos do mar são aqui perigosissimos. Na costa, inteiramente descoberta e nua, ha apenas um pequeno abrigo feito por um quebra-mar *não concluido*. Dobrar a ponta do quebra-mar e recolher no abrigo é de um perigo imminente apenas o mar se encrespa. Logo qne uma lancha está em perigo, as mulheres dos tripulantes veem á praia e pedem em gritos dilacerantes aos santos seus conhecidos que salvem a embarcação. Se o perigo continúa, se os santos se não apressam a salvar os maridos, os paes e os irmãos d'aquellas boas mulheres, ellas acordam os santos que estão em uma capella próxima, partindo-lhes as vidraças e enchendo de pedradas o templo. Emquanto a lancha em crise se não vira, os pescadores que estão na praia desembarcando as suas redes ou varando os seus barcos são absolutamente indifferentes ao alarido lacrimoso das mulheres e ao espectaculo do naufragio imminente. Aquillo mesmo foi o que lhes succedeu a elles na vespera e é o que os espera no outro dia. Virada a lancha, correm então ao *salva-vidas* e todos se prestam a partir immediatamente em auxilio dos seus companheiros.

*
* *

De uma actividade infatigavel no mar, os poveiros em terra trabalham pouquissimo; alguns não trabalham pela palavra nada. Ancorado o barco recolhem o remo e ficam nos bancos dormindo com os braços crusados no peito. São n'este caso as mulheres que descarregam o peixe, que contractam a venda, que recebem o dinheiro dos negociantes e que destribuem as quotas pelos tripulantes. Estes acordam para receber o dinheiro, mettem o na algibeira, sobraçam um pichel ou um pequeno pipo que todo o pescador leva com vinho para o mar, lançam ao hombro o jaquetão, saltam á praia, e, com a indifferença mais profunda por tudo quanto os cerca, caminham solemnemente para a taberna.

De uma ignorancia pyramidal, é rarissimo aquelle que sabe syllabar. Nenhum sabe escrever. Na administração do conselho perguntaram a um que ali tinha ido saber se o filho estava recenceado, como se chamava o filho; elle pediu que o esperassem um momento e foi n'uma corrida a casa perguntar como o filho se chamava Pela sua parte nunca lhe tinha chamado senão unicamente *filho*.

*
* *

São naturalmente bons, dedicados, reconhecidos, doceis como mulheres. Com uma palavra e com um sorriso, uma creança leva-os por uma orelha para onde quizer, para a taberna ou para a morte

Não usam faca Nas suas questões pessoaes batem-se ao pugilato. Nas questões de companha para companha batem-se no alto mar á pedrada. Nos motins em terra lançam mão da primeira arma que o acaso lhes ministra e tudo é arma nas mãos d'elles. Um dia, em 1846, constou-lhes que a camara municipal, reunida em vereação, estava tratando de lhes lançar um novo tributo. Vieram alguns á praça em que estavam os paços do concelho, arrancaram os estadulhos dos carros que estão no mercado, subiram á casa da municipalidade, e tudo quanto lá estava dentro, vereadores, auctoridades administrativas, policia, fisco, saltaram pelas janellas á rua. No dia immediato chegava á Povoa um regimento para suffocar a anarchia. Os pescadores, que teem ás armas de fogo um terror de selvagens, apenas lhes constou esta noticia, desamarraram de noite os seus barcos, fugiram para o mar e durante muitos dias nem um unico appareceu. Se o regimento não retirasse seria de recear que nunca mais voltassem a terra.

*
* *

E' incomparavel e unica a aversão do póveiro ao serviço militar. O modo como elle consegue evadir-se ao pagamento do tributo de sangue merece referir-se. Para isso porém são necessarias algumas palavras ácerca do bairro especial dos pescadores na Povoa.

Nada teem com o resto da villa os pescadores. Vivem em uma parte da povoação inteiramente distincta e que fica na praia ao sul do paredão a que acima me referi. Trez ruas parallelas, cujas pequenas casas ficam umas defronte das outras á beira do mar, constituem a porção da villa que os pescadores habitam. Um signal dado n'um apito ou n'uma busina previne todos os moradores d'este pequeno bairro. As casas são interiormente de um grande pittoresco. Nos dias de sol, com todas as casas abertas, de qualquer das ruas se avista a espaços o mar descoberto atravez das portadas O mesmo quarto serve de sala, de alcova, de cosinha A um lado está o lar, ao outro a cama, um leito ou um beliche suspenso como a bordo; a prateleira da louça pende de uma parede; do tecto suspendem-se os molhos das cordas côr de sepia; as trouxas de roupa, as redes, os cestos, os apparelhos de pesca Lembraria os interiores flamengos se a ausencia completa da agua, os cações escalados que estão secando ao sol estirados nas portas com trez pregos, as paredes negras e gordurosas não provassem evidentemente ao viajante que elle está bem longe das cabanas hollan-

[1] O artigo que vae ler-se é transcripto do bello livro *As praias de Portugal* do sr. Ramalho Ortigão.

dezas escrupulosamente baldeadas, esfregadas e lustradas todos os dias, como o convez da mais nitida coverta da marinha ingleza.

Effectuados na Povoa os trabalhos do recenceamento militar e do recrutamento subsequente sem que um só poveiro se tenha apresentado perante as convocações da authoridade, um, dois, trez ou quatro beleguins acompanhados do respectivo escrivão apresentam-se no bairro dos pescadores a requisitar os refractarios. Apenas os representantes dos poderes publicos penetram no bairro da pesca, um signal dado pela pessoa que os avista, um velho, uma creança, uma mulher, põe de sobreaviso toda a vizinhança. Se os pescadores estão a essa hora no mar não apparecem senão mulheres, as quaes declaram todas, contestes, que nunca ouviram fallar nos nomes dos refractarios a que a authoridade se refere. Se os pescadores estão em terra, apparecem todos ás suas portas. Todos teem os mesmos typos physionomicos, todos teem o mesmo vestuario. o grande gorro encarnado ou preto, a larga calça e a camisa de branqueta ou a camisola justa com um coração e uma cruz bordada no peito, e umas armas de Portugal com a respectiva coróa bordadas no braço direito Principia então o inquerito do refractario.

— Onde mora aqui João das Pragas, filho de José, o Russo ?

O primeiro dos pescadores a quem se dirige esta pergunta retira o seu cachimbo de gesso do canto da bocca e diz :

— O João ?

— Sim, senhor.

— O João das Pragas ?

— Sim, senhor.

— O filho do Russo ?

— Sim, senhor.

— Conheci muito bem. Esse rapaz morreu.

— Morreu ? Mas do livro dos obitos da freguezia não consta que elle tenha fallecido.

— Pois pode plantar no livro que morreu. A gente não estamos lá no livro, porque a gente quando morremos não morremos cá na freguezia. A gente morremos no mar.

— Passa-se a interrogar o segundo poveiro que dá exactamente a resposta que deu o primeiro ; o terceiro responde como o primeiro e o segundo; e assim por diante. successivamente, a mesma resposta invariavel, até não haver mais que inquirir.

Outro refractario : Manuel Forte, filho de Joaquim da Rita.

— Está intimado para declarar terminantemente sob pena de cadeia onde pára este mancebo.

— O Manuel ? O Manuel Forte ? o filho de Joaquim da Rita ? Conheci-o muito bem ! até parece que ainda o estou a ver ! Esse rapaz está ali defronte...

— Onde ?

— No fundo do mar.

E' a evasiva consagrada, a resposta sabida e constante : todo o mancebo recenceado morreu.

Diante das requisições da authoridade não ha entre os pescadores inimigos nem indifferentes, protegem-se todos dedicadamente perante o inimigo commum. E' uma alliança indissoluvel e invencivel. Todos os esforços são inuteis para a combater. Violados no seu bairro, os pescadores fogem para a praia. Ahi a perseguição é perigosissima para quem a intenta. Se um official de justiça ousasse apparecer na praia seria infallivelmente morto debaixo da mais densa chuva de pedras, de fisgas, de harpões. Em ultimo recurso embarcam. Assim a Povoa não dá um unico homem para o recrutamento maritimo, o que prova que quando trez mil e quinhentos homens reunidos não querem uma coisa é impossivel obrigal-os áquillo que elles não querem.

....

*

* *

Da nacionalidade elles sabem que um soberano portuguez, viajando o bordo de um paquete e encontrando-os no mar alto, impressionado pela extranheza dos seus trages e dos seus typos physionomicos, lhes perguntou se eram portuguezes. Ao que elles responderam que não ; e acrescentaram : — «A gente somos poveiros, meu senhor.»

De instrucção sabem o que aprenderam com os seus paes : tecer uma rede, colher uma vela, manejar um remo, prever o tempo e calcular a hora pelo aspecto do céu.

Da viação sabem que ha o caminho de ferro da Povoa — feito por uma empreza particular.

Da religião sabem que ha o parocho a quem elles pagam os baptisados, os casamentos e os enterros e que ha tambem a Senhora da Assumpção que lhes dá missas regulares que elles pagam e um ou outro milagre extraordinario, que elles tambem pagam

Tal é o poveiro. Tal é o caracter das suas relações com a sociedade portugueza. Entre o Estado e elle, a seguinte distribuição de serviços : o Estado recebe ; elle paga Paga e pesca.

Poderoso e desdenhado, o poveiro captiva a nossa mais viva sympathia, e alcançará de certo a do leitor, que nos perdoará as longas linhas que dispendemos em apresentar-lh'o de perto.

Ramalho Ortigão

OS AFOGADOS

Sonhei que um baixel negro me levava
Pelo mar, pelo mar, verde campina;
Vibrava a lua da luzente aljava
Flechas de ouro na vaga esmeraldina.

De repente surgiu no Oceano immenso,
Como sinistro vomito do abysmo,
Um tropel de phantasmas, denso, denso,
Dansando em contorsões de galvanismo.

Então sob o medonho torvelinho,
O mar largo, sem fim, desapparece ;
A custo abre o baixel o seu caminho
Pelos meandros d'essa extranha messe.

E um lamentoso côro se levanta,
Quebrado, soluçante, gemebundo,
Como se lhes entrassem na garganta,
A's golfadas, as aguas do profundo.

E esse côro phantastico dizia :
«Ah ! malditas as furias da tormenta !
«Naufragos somos ! nossa campa é fria !
«Ah ! bemdito o luar que nos aquenta !»

E emquanto o meu baixel ia seguindo,
Regelavam-me os raios do luar;
E reboava o clamor no espaço infindo ;
«Maldito seja o mar, o mar, o mar !»

Março-10-92.

Henrique Lopes de Mendonça.

PEDRO SALVADOR

(SCENAS DA POVOA)

Conheci os dois, pae e filho. Pae ? Enganei-me. O João Pequeno não tinha nas veias nem uma gota de sangue do Pedro Salvador. Este Pedro Salvador teve uma historia, curta como todas as historias tristes. Eil-a :

*

* *

Um dia, ao voltar da pesca, encontrou mortos a mulher e o filhito, esmagados ambos pela cabana que desabára de velha, a mesma cabana em que nasceu e onde viveu os melhores dias da sua mocidade. Ficou-lhe apenas a canôa, o seu ganha-pão. Coitado do Pedro! Assistiu ao fechar das duas sepulturas sem derramar uma lagrima, sem soltar um queixume. Depois fugiu para bordo do barco e fez-se ao largo. Mas o mar repelliu-o, e dois dias depois o Pedro Salvador ajoelhava á porta do cemiterio da aldeia. Desde então ficou. E' que havia uma força desconhecida que o prendia á praia em que toda a sua felicidade se sumira. Ficou, ralado de saudades, meio morto da tristeza que lhe ia dentro d'alma, ao lado das duas cruzitas toscas que ensombravam as duas sepulturas. Não mais o olhar doce da sua companheira, esperando-o na praia ao descair das tardes! Não mais os risos vermelhos do filhito, que batia as palmas de contente, ainda elle vinha lá longe, a vela cheia de vento e o coração cheio de saudades!

— Eh! rapazes! dizia elle aos da companha, mal avistava o grupo destacando-se na areia branca das dunas. Hei-de fazer do *Petiz* um bravo marinheiro ! Pois se aquelle palminho de gente até parece que já entende cá os lobos do mar ! «Olá, Petiz ! Vira de bordo !» E é um prompto emquanto elle salta dos braços da mãe para vir, de bracitos abertos, pôr-se na minha alheta, mal comparado, como um chaveco correndo em arvore secca adiante do temporal da amizade !

E um instante depois, arriada a vela e varada a lancha, na meia luz esbatida do poente desenhavam-se tres cabeças unidas, ao passo que no rumor indefinido da vaga beijando os seixos se perdia o rumor suave d'outros beijos.

*

* *

Agora a historia de João Pequeno :

Dez annos depois da dupla catastrophe e n'uma tarde de dezembro, estavam todos os pescadores na praia, contemplando o mar encapellado, e com os olhos fitos n'um brigue mercante, que o oeste furioso impellia para terra. Os mastaréus arriados e o gurupés partido, o navio tentava conservar-se na linha do vento. Mas a vaga de travez e a impossibilidade de se largar mais panno, faziam-o descair sensivelmente.

— Se o vento não ronda está perdido ! Foi nos cachapos lá de baixo que se perdeu o *Sultão !* bradou um velho pescador, o tio Thomaz, mettendo-se pelo mar dentro, em risco de ser levado pela resaca.

Mas o vento continuou implacavelmente fixo no oeste, e um quarto depois o navio batia nos baixios do lado do Sul. Um grito fraco de soccorro furou os rugidos cavos da borrasca. Toda a tripulação, agarrada á amurada do brigue, estendia para terra as mãos, implorando um auxilio.

— Cordas ! cordas ! bradou o tio Thomaz, sentindo despertar o seu sangue generouso, como o de todo o marinheiro de lei, mal se ouve o grito terrivel de «homem ao mar !»

Mas ninguem se moveu : nem para isso houve tempo. O navio, erguido pela vaga, bateu duas vezes só — o bastante. Os mastros, partidos pela violencia do choque, sumiram-se na voragem, o casco separou-se em dois, e dentro em pouco desapparecia tudo debaixo d'um vasto lençol de espuma, cuspida pela morte na grande sepultura do mar... N'este momento um homem correu para a frente, precipitou-se e deixou-se levar por uma onda enorme que o empolgou : era o Pedro «*Salvador*,» nome que lhe ficou desde esse dia. Uma hora depois davam á costa doze cadaveres, e entre elles o de uma mulher nova que deveria ser a mãe de um rapazinho que o Pedro roubara á morte, e que lhe dormia agora nos braços, enrolado n'uma camizola de lã.

— E's um valente ! dizia o velho Thomaz, mordendo o cachimbo de gesso para dominar a commoção que lhe fervia lá dentro. E's o rei dos valentes ! Toca n'estes ossos ! O petiz ficou sem mãe e sem ninguem, mas, raios do diabo ! lá está a minha companheira que ha-de tomar conta d'elle. Onde comem dois, come mais um. Lá lhe daremos em casa um pedaço de pão e a familia que perdeu. Raios do diabo !

E sacudia a mão do Pedro na sua mão callosa e honrada.

— Está dito, han ? O petiz vae dar um alegrão á minha velha que nunca teve d'isto.

— Nada, tio Thomaz. O pequeno é meu. Eu é que fico com elle.

— Homem ! Então tu é que...?

— Sim senhor. Não, que eu já sei o que é ser pae. O meu *Petiz* morreu, e como o mar me manda este, este é que ha-de ser o meu *Petiz*.

*

* *

Foi assim que o viuvo se tornou o pae adoptivo do naufrago. O Pedro esperou que apparecesse alguem, a reclamar a creança, e no emtanto pozlhe o nome de João, em memoria do outro João, do seu, do que havia dez annos dormia o eterno somno da morte. O tio Thomaz vinha todos os dias saber noticias do orphão.

— Então como vae o pequeno, oh ! Pedro ?

— E' isto que vê : mais bonito que um menino Jesus, e alegre que nem um toque de alvorada.

E de facto elle era um encanto de cabellos loiros, olhos grandes, muito azues e muito vivos, e uma boquita vermelha, sempre cheia de risos — um raio do sol que veiu de repente alegrar o coração sombrio do Pedro, fazendo levantar ferro ao corsario da Tristeza que lá estava preso a duas amarras. O corsario fez-se ao largo, sumiu-se no oceano do Esquecimento, e nas aguas lisas da

bahia da sua alma, ficou então a baloiçar-se o casco novo da Esperança. O Desanimo foi atirado pela borda fóra, e, se ainda ás vezes o assaltavam lembranças do grande temporal, o Pedro fechava os olhos e voltava-se para o nascente, onde via a estrella de alva a brilhar, a brilhar por entre um punhado de cabellos loiros. Até ria, o desgraçado, com o seu rir cheio e sonoro de outro tempo A's tardes corriam ambos pela areia branca da praia, beijados pelos raios do sol poente, até que o João se sentia cançado. Então sentavam-se ao pé das dunas, o João a contemplar com o seu olhar hesitante as ondulações das vagas, o Pedro a remirar-se na superficie azul d'aquelles olhos limpidos que escondiam as perolas da sua nova felicidade.

Queria-lhe com ancia, e tinha até ciumes do tio Thomaz quando o pequeno lhe trepava aos joelhos para o ouvir contar historias na sua linguagem pittoresca, enfeitada de termos nauticos. O João ouvia attentamente, e vinha depois repetir-lhe, a elle, as mesmas historias, com a sua vozita mal firme, acariciando-o, lançando-lhe ao pescoço os bracitos já meios crestados, como se o seu pequenino cerebro comprehendesse vagamente as tristezas do amigo. O João era curioso. Perguntava tudo: o que era o mar, o ceu, o sol, o nome das coisas. E esses nomes ficavam-lhe gravados, dizia-os muitas vezes. O tio Thomaz, esse babava-se todo só de o ouvir. Mal o via vir, lá ao longe, no seu passo tropego, o João, fazendo das mãos porta voz, gritava-lhe:

— *Oça* que vae o *dabo ó* leme!

O velho já esperava o comprimento e trazia sempre o seu bello sorriso engatilhado.

— *Vida* de *bódo* e *ataca!*

E ficavam abraçados, a ruina de cabellos brancos e aquella aurora de quatro abris. O Pedro renascera para a vida. Encontrára no João Pequeno um outro filho. A' volta da pesca, lá estava elle na praia a acenar com o seu barrete azul, ao collo do tio Thomaz, o unico a quem o Pedro o confiava. Que alegrias n'aquelle viver modesto, entre as suas recordações apagadas e a affeição nova que o absorvia!

Mas durou pouco tudo isso. N'uma manhã de maio de 1880, saltamos na praia da Povoa, eu e cinco estroinas. O passeio no mar aguçára o appetite e nós iamos almoçar ao ar livre. Emquanto se preparava o almoço, procurei o Pedro Salvador: encontrei apenas o tio Thomaz, mais velho, mais enrugado, tendo ainda entre os beiços o seu eterno cachimbo de gesso requeimado. Sentado á porta da cabana, olhava muito pensativo para o mar. Puz-lhe a mão no hombro. O velho estremeceu e voltou para mim a sua bella cabeça toda branca.

— Então sempre forte e rijo, hein, tio Thomaz!

— Hm! Rijo! Isso foi tempo! Agora estou preparando para largar ferro na grande enseada da cova, e p'ra'qui ando á matroca até que o Commandante lá de cima mande render o ultimo quarto.

— Você está triste, tio Thomaz? Que diacho é isso?

— Triste... triste... Hm! E' que me cortaram a adriça da Alegria, e o coração foi-se pela borda fóra! Coisas que acontecem á gente.

Fiquei a scismar n'aquella grande tristeza.

— E o Pedro Salvador, oh, tio Thomaz?

— O Pedro? Hm! Esse tambem já deu fundo...

E o velho olhou para o mar.

— O quê? morreu?!

— Além, disse elle, apontando para a linha esfumada do horisonte.

— Mas como foi isso?

— Um dia o Pedro fez-se ao largo na canôa, deixando-me o pequeno...

A voz do velho tremeu.

— O João saltava ahi por essa praia, mais ligeiro que um golfinho, e eu estava sentado a vel-o. O mar estava n'essa tarde picadote e a vaga lambia a areia .. Nem que a areia tivesse mel... E era mel, era, o que havia na areia n'essa tarde... N'isto vem uma onda mais grossa... e era uma vez o João Pequeno...

Tinha a voz estrangulada o tio Thomaz.

— Hm! hm! vá, velho! não chores e fecha as escotilhas do paiol das Saudades...

E levantou-se de repellão, a morder o tubo do cachimbo, o seu apaga-tristezas.

— E depois, tio Thomaz?

— Eu gritei logo «homem ao mar!» mas a marinhagem não me ouviu e o João afundou-se. Ainda o vi lá ao longe, no costado de uma onda, a chamar por mim, que era mesmo um dó de alma! Com mil raios! Cada vez que me lembro de quando elle me dizia, de mão na ilharga, e cabeça á banda, «orça que vae o diabo ao leme!», sinto o coração alagado, nem que tivesse dez pés de agua no porão...

— E o Pedro?

— O Pedro? Esse é mais feliz. Mal sossobrou a fragata da Alegria, agarrou em si, e catrapuz, atirou-se de cabeça, desertando para o pé dos mortos...

Pelas faces do tio Thomaz corriam agora duas lagrimas, grandes como punhos, que foram embeber-se na areia da praia beijada pelo vae-vem continuo do mar que soluçava a sua eterna melopéa.

*

* *

O tio Thomaz tambem já lá está na terra da Verdade.

Lorjó Tavares.

OS NAUFRAGIOS NO NORTE

O BANDO PRECATORIO DOS BOMBEIROS DE LISBOA — *(Vid. Chronica Occidental)*

(Desenho de A. Silva)

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43